

“MÚSICA E MÍDIA”

Coordenadora: *Profa. Dra. Heloísa de A. Duarte Valente*
wjvalent@terra.com.br, heloisa.valente@unisantos.br
www.unisantos.br/musimid

O Ementa

s signos musicais, em suas diversas manifestações, geram mensagens, que são transmitidas no eixo espaço-temporal. São codificados e decodificados segundo referências da cultura sobre a quais se assentam.

Este GT tem, como preocupação central, o estudo da linguagem musical, como elemento constituinte do processo comunicativo. Adota-se como referência inicial a metodologia semiótica sem, contudo, deixar de lado contribuições de outras áreas de conhecimento. Dentre outros aspectos, pretende-se analisar como os signos musicais se constituem em sistemas e processos, como atuam no campo social, como são produzidos, transmitidos, armazenados; que tipo de efeitos pode produzir nos seus intérpretes e receptores (ouvinte/espectador). Em suma, o G T “Música e Mídia” tem, como perspectiva, o estudo das diversas situações possíveis em que a linguagem musical, em suas variadas modalidades e manifestações, possa ser estudada como elemento constituinte do processo comunicativo, na formação de textos artísticos e culturais.

Histórico

O GT “Música e Mídia” constituiu-se no XIII Encontro Nacional da Anppom, realizado em Belo Horizonte, em 2001, tendo-se reunido nos Congressos subseqüentes (Porto Alegre, Rio de Janeiro), com a participação de ouvintes. Desde então, a lista de novos participantes (eventuais, ativos) tem aumentado progressivamente. O GT vem estabelecendo diálogo entre seus membros por e-mail, reunindo-se periodicamente nos diversos congressos e similares ligados à música, semiótica, comunicação e áreas afins. Das orientações teórico-metodológicas deste GT formou-se o Núcleo de Estudos em Música e Mídia (MusiMid), sediado na Universidade Católica de Santos, sob a coordenação de Heloísa de A. Duarte Valente e Herom Vargas Silva.

Temas abordados no XV Congresso

Posto que não havia um tema central estabelecido, optou-se por expor alguns temas que têm atraído a atenção das participantes inscritas: relações entre formação musical, formação de repertório, trilha sonora e mercado dominaram os debates. Algumas idéias importantes foram traçadas, a saber:

Silvia de Lucca apresentou uma extensa análise das redações dos candidatos aprovados para a prova específica de música tendo, dentre outras preocupações, o senso crítico dos candidatos face ao repertório que as mídias oferecem, principalmente o rádio. De sua parte, Teresinha Prada atesta que há um caminho radial do centro para a periferia, da mídia para os nichos, que garante a permanência de músicos que

não estão à margem da indústria cultural, mas que, jamais se encontrariam entre os campeões de vendas. Heloísa de A. D. Valente, seguindo os pressupostos teóricos de R. M. Schafer acredita que existe uma trilha sonora que caracteriza os governos –não os governantes- enfatiza. Embora pouco percebida, ela não apenas caracteriza, ilustra; de fato, ao entender da pesquisadora, o repertório que circula pelas mídias (tanto de médio, como de grande porte) é elemento composicional dos governos.

Seguem, abaixo, os resumos dos textos apresentados.

Análise qualitativa das redações realizadas pelos vestibulandos na Prova Específica de Música da FUVEST-2000

Prof^a Ms. Silvia de Lucca

Análise qualitativa das redações realizadas por 271 vestibulandos na Prova Específica de Música da FUVEST-2000 (Universidade de São Paulo), cujo enunciado solicitado nas mesmas era o de discorrer sobre o tema “Repertório musical das estações de rádio brasileiras”.

A respeito do enfoque espontaneamente abordado por eles, qual seja, o grau de satisfação quanto ao repertório questionado, constataram-se as seguintes porcentagens: insatisfeitos: 80,45 %; razoavelmente satisfeitos: 10,33 %; satisfeitos: 5,90 %; não se posicionaram: 3,32 %.

No que tange à elaboração da pesquisa em si, e do enfoque obtido nas respostas, observa-se que, se por um lado foram consultadas pessoas supostamente interessadas pela linguagem musical e com alguma informação específica, solicitadas a comentar sobre a área que lhes diz respeito, em

uma situação em que se esperava por um posicionamento crítico, por outro lado, a dimensão e a maneira emocionada expressam sobre determinadas técnicas e conteúdos musicais frente à estética adotada pela indústria cultural/fonográfica, entende-se como sintomático e de grande relevância.

Al otro lado del río... com Wisnik, Netrovski e Drexler.

Prof^a Ms. Teresinha Prada

Música é mercadoria na Indústria Cultural, mas às vezes surge uma via radial para um público. José Miguel Wisnik e Arthur Netrovski deram provas desse acesso nas “palestras-shows” realizadas ao longo de 2005. Esse ano também propiciou outro visível exemplo: o Oscar de Melhor Canção ao uruguaio Jorge Drexler. O confronto entre música de consumo e aquela que permanece já não é tão inevitável. Hoje há áreas de convívio desses dois modos de atuação: Tribalistas, Lenine, Chico César exemplificam isso, na opinião de Wisnik, que também alude ao circuito que vive sem acesso imediato ao grande público, como Guinga, Luiz Tatit e Ná Ozzetti – artistas em realce dentro de um nicho, mas nem por isso à margem. Wisnik definiu seu nicho produzindo canções que o público se detém a ouvir a letra. Drexler é outro nome que alcançou seu lugar desse modo: ouvir a mensagem foi a proposta da nostálgica Al otro lado del río, do filme Diários de Motocicleta, seguindo o padrão das canções latino-americanas dos anos 60, pondo a Utopia no texto, atingindo a memória do ouvinte. O caminho radial do centro para a periferia, da mídia para os nichos, faz possível a existência de um público e dos artistas mencionados. Eles têm como convergência a produção aproximada com o passado, re-utilizando a estética da canção brasileira e latino-americana. Querem partilhar códigos já reconhecidos.

Só para contrariar...Deixa a vida me levar! Da trilha musicalmente incorreta de um Brasil politicamente correto à trilha musicalmente incompleta de um país de todos.

Profª Drª Heloísa de A. Duarte Valente

O ato de estabelecer paralelos entre modas, modismos e períodos históricos é bastante comum. Assim, são facilmente recordadas as canções que marcaram um encontro amoroso, um fato social relevante, qualquer que seja sua natureza. Já a associação a governos e gêneros musicais parece um território ainda pouco explorado

Examinando a paisagem sonora do Brasil do período que sucedeu as diretas-já, uma série de espécimes curiosos desponta: as modas da lambada, do axé, dos sertanejos, iniciadas durante o governo José Sarney, Fernando Collor e Itamar Franco. A elas, seguirão suas diluições. O repertório musical da última década dos 1900 será cravado de outras músicas, algumas delas, sem grande teor de novidade: o pagode, o forró universitário, o rap e o funk carioca. O solo sobre o qual se assenta, com firmeza, é o governo Fernando Henrique Cardoso. Em que pese o estereótipo criado em torno da figura do presidente, tido como de hábitos aristocratas e de gosto refinado, ocorre um descompasso entre o high tech, em contraposição a uma equipe de aliados extremamente conservadora, pouco letrados. Assim, o pagode com violinos de plástico revela uma certa coerência, como trilha sonora.

Qual será a trilha sonora que caracterize o governo Lula? Há um repertório dominante? Considere-se que os gêneros surgidos anteriormente ainda persistem, mesmo que enfraquecidos. Se ainda é cedo demais para tirarmos

conclusões, parece certo que do ponto da representatividade há um arranjador: o cantautor-ministro Gilberto Gil. Posto o que pôde ser observado até o momento, não parece absurdo arriscar que a trilha sonora do governo Lula é como uma colcha de retalhos, feita de vários fragmentos emendados um grande potpourrit musical, multifacetado, recortado e assimétrico, tal como a dessemelhança entre seus supostos aliados.

Em suma, em se conhecendo as trilhas sonoras, através da história que entra pelos ouvidos é possível, conhecer melhor o país em que se vive – no caso, o Brasil.

Dinâmica do debate

A reunião do GT contou com a participação de João Fortunato de Quadros Jr., graduando em Artes, da Unimontes (Montes Claros, MG), e de Mauricio Valencia, músico espanhol e professor de violão, residente em Tenerife.

João Fortunato vem realizando pesquisa acerca do impacto das mídias num grupo de adolescentes do nível médio, numa escola que atende a várias camadas sócio-econômicas (Indyu). Mesmo particular, o estabelecimento de ensino adota uma política de bolsas, que permite o acesso de alunos de baixa renda. Outra razão pela escolha dessa escola se dá pelo fato de que ela oferece a possibilidade de eleição de disciplina artística (música, teatro, artes plásticas). Depois dessa etapa da pesquisa completada, o estudante pretende desenvolvê-la num futuro mestrado.

Mauricio é músico e leciona violão e matérias teóricas no conservatório. Também integra um grupo musical que pratica

um repertório diferenciado, buscando versões híbridas (fusion, ao seu dizer) entre o tradicional e o étnico.

O debate desenvolveu-se em torno dos textos apresentados e levantou questões como: a dificuldade em implantar cursos de música no ensino regular; a especial resistência, por parte do corpo docente e também do alunado (e respectivas famílias): há uma exigência em que se ensine o que está na moda, aquilo de que se gosta. Ora, só é possível gostar daquilo que se conhece... João Fortunato chamou a atenção para um forte interesse dos jovens pelos Beatles (que não estão na moda) – provavelmente, pela ação de um grupo musical, na cidade. Também foi discutida a mudança de padrão de gosto, face às tecnologias em voga: do sistema analógico ao digital, com suas possibilidades, limitações e imposições e condições perceptivas especiais.

A reunião concluiu-se após uma breve exposição, aos ouvintes, das linhas de pesquisa e projetos em andamento do Núcleo de Estudos em Música e Mídia (MusiMid), do qual participam as expositoras dos trabalhos, grupo que originou-se, como dito acima, do GT Música e Mídia inaugurado em 2001, no Encontro Nacional da Anppom, em Belo Horizonte.